REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 850

10 DE AGOSTO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

URBANO DE CASTRO

E' um dos mais notaveis jornalistas da imprensa portuguesa.

No velho *Jornal da Noite*, ainda em tempos de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, estreou-se com uns folhetins, a que breve, diariamente, se seguiram uns artigos de critica, quasi sempre litteraria, que chamaram sobre seu nome a attenção. A amizade que o uniu a Julio de Vilhena, a Pinheiro Chagas e, mais tarde, a João Franco e ao chefe actual do partido regenerador, foram-o desviando do caminho encetado e arrastando-o para as luctas politicas. Durante uma doença de Pinheiro Chagas dirigiu o *Correio da Manhã* e foi depois, por muitos annos, redactor politico da *Tarde*.

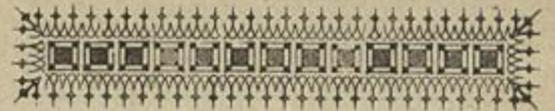
Vigoroso na sua logica, methodico na defeza, inflammado no ataque, muitas de suas campanhas ficaram celebres e sobretudo a forma por que soube manejar a ironia, arma em suas mãos terrivel para o adversario.

Absorveu-o a politica os melhores annos da sua vida. Por varias vezes veio á camara como deputado regenerador e lá estava quando foi da scisão no partido a que pertencia. Não o querendo tomar contra nenhum dos que o tinham sempre distinguido com sua amizade, n'essa occasião deixou a direcção da *Tarde* e annunciou sua retirada da politica. Quando tanto as paixões andavam exacerbadas e tanto e tão facil campo havia para desenvolver ambições, o procedimento raro de Urbano de Castro valeu-lhe elogios até de seus mais encarniçados adversarios.

Retirado das luctas, em que andara acirradamente empenhado, todo paz agora, fundou com Alvaro Pinheiro Chagas a empreza das Trez Bibliothecas, a cujos trabalhos dedica todo seu tempo.

E' que Urbano de Castro, apesár de por muitos annos ter sido absorvido pela politica com tal despotismo, que, mais d'uma vez, o ardor de polemica o levou a outros campos materialmente mais perigosos, apesar de ser esse o meio em que mais gastou suas forças e onde viu branquear metade de seus cabellos, nunca abandonou as letras, que muita vez lhe foram refugio, nunca deixou de manusear com amor os nossos poetas, moralistas e mysticos, a que frequentemente ia buscár seus exemplos, sobejando-lhe tempo para ser em Portugal dos que melhor conhecem Gil Vicente, o padre Vieira e o Manuel Bernardes. D'ahi a facilidade com que maneja a lingua, o que tão alto nome lhe deu entre os nossos escriptores, juntamente com a fertilidade de sua fantasia.

Chefe de numerosa familia, unica herança que seu irmão mais velho lhe deixou, mas para elle preciosissima, em seu amor tem buscado essa maior força para a lucta na vida. Sua grande força moral provem-lhe de completa ausencia da ambição.

Assim foi longe, desembaraçadamente, em seu caminho, rodeado de amigos, dos inimigos respeitado.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não se fala d'outra coisa e a razão é obvia.

Como pelo norte o caso foi mais serio e as justiças do Porto é que teem talvez de resolver o caso, os jornaes da grande cidade dedicam grande espaço ao assumpto e fazem estendal das grandes desvergonhas. Os jornaes de Lisboa publicam longos telegrammas e fazem-lhe seus commentarios. Todo o paiz se commoveu com a nova das novas falsificações e o caso não era para menos.

A ultima hora sahiu-se-nos o kaolim com culpas no cartorio, ajudando a branquear a farinha de casca d'arroz. Cada minuto que passa fica-se sabendo de mais uma droga com que a população de Portugal enchia a tripa muito mal e caro.

Effectivamente a pouca vergonha é das maiores; mas cremos que não é contra a immoralidade que todos se revoltam e tão alto levantam seus brados de indignação. O que a todos commove n'estes casos é o sacrilegio de offender o que mais se estima, o que é o mobil da maior parte das acções e até de quasi todas as opiniões.

A ultima falsificação foi feita directamente contra *quien todo lo manda* cá na terra. Toquem-lhes no que quizerem, na honra e no passado cheio de crenças, mas não lhes toquem na barriga. Por ella andam os homens de rastos mendigando, por ella obrarão os maiores sacrificios, por ella se fingirão santos ou darão em salteadores, e é a essa quasi deusa que vem offerecer agora casca d'arroz branqueada a kaolim!

Foi o caso falado todos estes dias e continuará a sel-o, que bem o merece. Dizem os homens, para defesa, que nunca suppunham fabricando aquella droga, que um dia havia de, transformada em pão, ser offerecida a consumo. Aquillo era só para porcos, que morriam como tordos.

O menos que alguns já exigem para patifes d'esta natureza é a forca. Mentir só se admitte, emquanto se trate de menosprezar a honra ou o bom nome d'alguem, porque isso pouco importa.

Falsificado anda tudo ha muito. Agora revoltam-se todos, porque se trata do que sabemos. E isso lá é sagrado.

Tanto em farinhas se falou, que apesar dos sustos que pelo mundo se espalharam, quando foi da erupção da Martinica, pouca attenção se deu agora á sequencia de pequenos tremores de terra sentidos em grande parte da provincia de Portugal, nas Caldas da Rainha e aldeias proximas, depois no Porto e seus arredores.

Nem o paquete francez, que foi quasi mettido a pique pelo esporão do *D. Carlos*, para o qual foi impellido pela força da maré, não obedecendo ao leme, nem um desastre como esse, raro no nosso rio, afastou as attenções da patifaria dos moageiros accusados.

O verão tambem pouco tem fornecido para que as linguas diligentes trabalhem na gymnastica em que andam costumadas. A politica está no mais completo socego e um ou outro artigo que apparece mais violento é extrahido a ferros. Nem sequer, como n'estes mezes de ferias muita vez succede, vão as fantasias inventando complicações futuras. Nada d'isso. Perfeita calmaria.

De quando em quando, um ou outro telegramma respectivo ao convenio, mais uns credores que concordaram, um ultimo espirro de mr. Reillac, e nada mais.

O que ainda n'este marasmo, tem o condão de nos fazer erguer um pouco a cabeça, levantarmonos sobre o cotovêlo, apurar um nada o ouvido, são as noticias que chegam d'Africa relativas ás duas expedições do Bailundo e do Barué.

Telegramma, ha dias recebido, de João Coutinho, o valente commandante da expedição que ha de castigar os pretos revoltados no dominio portuguez da Africa oriental, dá conta das primeiras operações, do incendio da principal aringa e da fuga do gentio para o interior onde será perseguido.

Ha fundadas esperanças de que brevemente veremos em toda a Africa restabelecido o socego com novas glorias para as armas portuguezas, a que, aliás, andam costumadas ha muito. As primeiras noticias que nos chegam, quer d'uma costa quer da outra, fundamentam essas esperanças, transformam-as quasi em certeza.

O fim do seculo passado, e o principio do actual marcarão datas celebres na historia das nossas colonias africanas. Pena é que não possamos hoje, passados tão poucos annos, olhar para essas glorias sem que nos esmoreça suas scintillações, um véo negro, luctuoso, que nos vem recordar algumas mortes dos que mais concorreram para o brilho das victorias.

A tragedia que victimou Mousinho de Albuquerque ainda de todos, a cada nova que nos chega de mais uma victoria, é com dôr recordada. O anniversario que ha dias passou da morte de Antonio Ennes veio reavivar a lembrança do muito que á sua administração Portugal deveu para o exito obtido nas campanhas contra o infeliz Gungunhana.

Mas, com tristeza ou não, é bom e é dever, de quando em quando, recordar os nomes de maior prestigio n'essas luctas, quer seja para melhor memoria dos que esta vida deixaram, quer seja para recommendar á gratidão de todos os que ainda pelo mundo, e para o bem da patria, continuam luctando.

Foram estas as noticias mais importantes que de longe e felizmente nos chegaram.

O tempo vai tão quente e Lisboa é já tão despovoada, que durante os dias mal se encontra um bocado de cavaco e a temperatura não consente que elle tome calor. Ate já esmoreceram as discussões que tão accesas andavam por todos os jornaes e as luctas religiosas em França mal deram meia dusia de telegrammas, que appareceram nos periodicos quasi sem commentarios.

Nas praias, que começaram a encher-se, falase muito em questões de jogo e todos se queixam, até aquelles que muito mais se queixariam se elle fosse consentido. Pedem que ao menos a lei seja egual para todos, que, se consentem a roleta na Figueira, a não prohibam em Cascaes, e que, se em Povoa de Varzim se deixa armar uma bancasinha de monte, dêem a Espinho a mesma consolação amena. Querem nas praias uma lei de compensações: higiene do banho para o corpo por fóra, lesãosinhas no coração promovidas por um chorrilho da terceira duzia. Na travessa de Caetano Palha houve assalto a uma batota em que foram apprehendidos dezoito vintens que figuravam na banca. Assim se cumpre o decreto.

Grande parte da população de Lisboa abandonou Chiado, Rocio e Avenida, e marchou em busca de ares mais frescos. Tristes dos que ficaram, e mais tristes ainda d'aquelles que se não livram tão cedo do medonho espectro dos exames a que teem sujeitos seus rapazes.

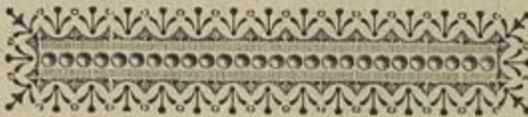
Os exames de instrucção primaria começaram ha poucos dias e só requerentes do sexo masculino são dois mil ou perto d'isso. Funccionam vinte mezas que espalham pelas familias alegria e tristeza, mas a duvida o anceio em que estes vivem, quando é que ha de acabar? Desgraçados com dois ou tres filhos com exames por varias escólas, andam n'este tormento desde junho e temem não vel o terminado antes que termine o mez de agosto. Para lesões do coração ainda os exames são peores que a roleta.

Vai o verão caminhando lentamente e ainda do inverno pouco se fala. Descançaram os jornaes em seus reclamos ás emprezas theatraes que, salvo raras excepções, pouco deram que falar de si durante o verão, a não ser Sousa Bastos com o seu grandioso projecto do theatro D. Carlos I, em que transformará parte do palacio do Marquez da Foz.

Do Brazil é que de vez em quando nos chegam muito boas noticias dos artistas que para lá partiram sob a direcção de Affonso Taveira. As recitas da grande Réjane, concorridissimas, em nada prejudicaram as dos artistas portuguezes. A Réjane, que viu Angela Pinto na *Zázá*, encheu-a de elogios pelo seu trabalho e a Angela pagou-lhe a fineza mandando-lhe no dia em que Réjane fez sua festa artistica uma formosa palma. Por cartas recebidas de Taveira, sabe-se que nunca no Rio de Janeiro fez melhor negocio.

Antes assim.

Muito devem os artistas portuguezes ao Brazil e ao côro dos actores podem agora juntar sua voz os pintores, Columbano, Salgado, Reis, Malhôa, todos, que tamanho êxito obtiveram na exposição a que no Rio concorreram.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

COROAÇÃO DE EDUARDO VII

Melhorou Eduardo VII da doença que o impediu de ser coroado em 23 de junho proximo findo e, quasi restabelecido, marcou se o dia 9 do corrente para a grande ceremonia da sua coroação, que, felizmente, d'esta vez se realisou, se não com todo o ceremonial e explendor que teria, se não houvera sido addiada e a saude de Eduardo VII não fôra ainda melindrosa, mas com todo o enthusiasmo do povo inglez, o que é alguma coisa, para vencer a sua natural fleugma.

S. M. EDUARDO VII

De facto nada anima e excita mais um filho da Albion, que o sentimento da patria, o que aliaz é commum a todos os povos, mas emquanto outros se apaixonam, se enthusiasmam, por tantos ideaes de gloria, muitas vezes ephemera, o inglez não se commove e com o bom senso pratico que o distingue, sorri-se, reservando o seu enthusiasmo para a sua Inglaterra, para o seu soberano, para as suas instituições, para as grandezas da patria, que são as grandezas e o orgulo de todo o inglez.

Cumpra cada um a sua obrigação, disse Nelson; é esse o sentimento nacional da grande Albion.

E só assim um povo é grande e forte, onde todos estão compenetrados dos seus deveres, das suas obrigações.

A Inglaterra via na Rainha Victoria uma instituição que adorava; a rainha morreu porque era mortal; a instituição ficou de pé. É agora Eduardo VII que tem o culto do povo inglez, que o acclama com delirio, que lhe dá toda a sua força, toda a sua vida; até parece que a morte recuou perante aquella força, quando por tantos dias impendeu sobre a cabeça de Eduardo VII.

E hoje nas ruas de Londres, em Westminster, por toda a Inglaterra o povo se agita e corre pressuroso a vêr o seu monarcha, a certificar-se que é elle, e em cada rosto inglez ha uma alegria excepcional, um toque que lhe descerra os labios, que lhes sensibilisa o coração, com um poder que só o amor da patria e das instituições tem para elle.

Triplicam-se os cortejos que se dirigem para Westminster, para que a maior porção de povo possa ver o grandioso aparato e luzimento da ceremonia. Sae a primeira comitiva do palacio de Buckingam onde vão os principes estrangeiros acompanhando o rei Eduardo e a rainha Alexandra; sae a segunda de York-House em que vae o principe de Galles; segue a terceira e cada uma por seu caminho, por onde regorgita a população em massa, mal contida pelas alas das tropas

A's 11 horas e 25 minutos entra Eduardo VII na abadia de Westminster e lá dentro ainda echoam pelas abobadas as acclamações cá de fóra.

N'aquelle templo, guardam se os restos mortaes dos grandes homens da Inglaterra. Ao lado de Newton repousa Darwin, Levingston e tantos outros que a enriqueceram pela sciencia a par dos que a illustraram pela litteratura como Chaucer, Tennyson ou Byron, e os Wellington, Malboroug que glorificaram suas armas.

Estamos no grande templo das consagrações, onde tudo se impõe ao respeito e acatamento. Sob aquellas abobadas, onde ressoavam os canticos religiosos em suave supplica, ha hoje mais luz e mais vida, mais colorido.

Os grandes de Inglaterra ostentam seus arminhos e distincções de nobreza; scintilla o oiro das fardas, brilha a pedraria das joias e das veneras. Está ali a corte em volta do rei. Eduardo VII adeanta-se ao cortejo e avança com passo firme e vigoroso dirigindo-se para a cadeira onde vae ser coroado. Está com elle a vida do seu povo Sente-se forte.

Entretanto prevalece o bom senso.

Eduardo VII ainda ha poucos dias era um enfermo em perigo. É preciso não arriscar a saude sacrificando-a a pragmatica. A ceremonia da coroação simplificou-se e foram dispensadas certas praticas seligiosas, para se abreviar o acto.

Ao meio dia e 21 minutos Eduardo VII estava coroado e uma salva de 61 tiros na torre de Londres e de Hydepark annunciava a suspirada nova a toda a população da grande capital.

Romperam então mais vivas as manifestações de regosijo publico, e as vozes que acclamavam o rei quasi abafavam o *God save the King* tocado pelas numerosas bandas regimentaes que se infileiravam por todo o trajecto.

Quando o rei chegou a Buckingham teve que acceder ás vozes do povo que o queria ver na varanda do palacio, revestido com todas as insignias com que tinha sido coroado. Eduardo VII foi então mais calorosamente acclamado, e sabe-se bem quanto valem aquellas acclamações que se imprimem tanto no seu coração, como não esquecem no espirito do seu povo.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

A Arte é tudo n'um povo.

E' a sua força; é a sua riqueza.

Povo sem arte é um povo ridiculo, que desapparece do mundo sem deixar rastro da sua passagem.

Quanto mais arte teve, mais lembrado será das gerações; mais viverá nos tempos.

Todas as forças se anniquillam; só a Arte resiste e quanta existencia de povos ella tem denunciado, aténas ruinas que se encontram no sob solo da terra.

Esses povos foram guerreiros? tiveram armas? foi a Arte que as fez.

Tiveram monumentos? casas sumptuosas ou modestas? foi a Arte que as fez.

Cobriram sua nudez com tecidos custosos ou simples? foi a Arte que os fez.

Usaram moveis e baixellas ricas ou pobres? foi a Arte que as fez.

Cultivaram a terra e arrancaram do seu seio as riquezas naturaes? foi a Arte que o fez.

Legaram suas memorias escriptas ou gravadas? foi a Arte que as fez.

A sciencia descobriu segredos da natureza. A poesia cantou seus feitos, ou despertou seus sentimentos. A musica compoz suas canções, entoou seus hymnos, é tudo Arte, porque Arte é o poder creador do homem.

Por isso vae mal a um povo quando os dirigentes não cuidam da sua Arte.

Para cuidar d'ella, porém, é preciso que venham educados da escola com instrucção solida e bem orientada.

Até nos lembra aquelle estadista portuguez, que visitando o *atelier* d'um esculptor ficou tão encantado com as obras que viu que por fim perguntou ao artista:

«Para fazer isto é preciso saber desenho?»

Veja-se quanto ha que desbastar n'esta boa terra, para se chegar á comprehensão de que a Arte é tudo n'um povo. E' a sua força; é a sua riqueza.

Perguntem-o á França e a todas as mais nações que se esforçam em competir com ella.

Vem de longe a lucta de alguns espiritos melhor orientados, ou porque nasceram predispostos para as coisas d'Arte, em quererem vencer a indifferença do publico, a quem de resto não lhe ensinaram mais, fazendo-lhes sentir quanto convem que elle anime e proteja a Arte com que elle lucrará porque faz parte da communidade.

Mas elle de preferencia continua a levar seus filhos a vêr toiros, que leval-os ás escolas e aos museus.

Talvez tenha razão; aquellas são tão velhas e estes tão pobres, que para ver miserias, antes ir aos toiros.

Mas vamos sempre luctando, e os cultores da Arte são ao mesmo tempo seus sacerdotes, que se despegam do vil interesse e vão missionando pelos matagaes d'esta semi civilisação a ver se realisam conversões, um pouco mais difficeis que as da divida publica.

Assim se tem organisado sociedades de iniciativa dos artistas para fomentar o desenvolvimento da Arte em Portugal, e sem podermos, nos limites que nos são marcados, historiar essas sociedades ou agremiações, trataremos agora da Sociedade Nacional de Bellas Artes, que vem continuar o Gremio Artistico que n'ella se fundio.

Bem se pode considerar uma sociedade benemerita para o paiz, pelos serviços que já tem prestado e poderá prestar.

Esta sociedade tendo por presidente da assembléa geral o sr. Visconde de Athouguia, digno Par do reino, e inspector da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, tem um devotado ás coisas d'Arte de que é apreciavel cultor de pintura.

A sua entrada para inspector da Academia de Bellas Artes, já produzio bons effeitos, na bella exposição escolar centenal que ha pouco esteve a publico.

Que o illustre titular vá chamando a attenção publica para este caminho e muito terá de se applaudir e nós de o louvarmos.

Os restantes membros dirigentes da Sociedade Nacional de Bellas Artes, são tudo artistas dos mais laureados e conhecidos no nosso meio artistico.

Assim é Columbano Bordallo o director-presidente; José Alexandre Soares, distincto architecto das obras publicas, primeiro secretario; Bemvindo Antonio Ceia, um novo, que já alcançou louros de victoria em exposições de pintura, segundo secretario; João Ribeiro Christino da Silva, o bem conhecido artista premiado e professor da escola Marquez de Pombal, thesoureiro; Carlos Reis, professor de pintura de paisagem da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, Jorge Collaço pintor e caricaturista bem conhecido e Luciano Lallemant, distincto gravador, todos artistas premiados nas exposições, vogaes da direcção.

Bem hajam todos que se interessam pela Arte n'este paiz; benemerita é a Sociedade Nacional de Bellas Artes.

OS BALÕES E A AERONAUTICA

II

A aerostação, está provado, será uma arte banal e quasi esteril emquanto se não transformar em *aeronautica*, isto é, emquanto se não souber, não só estar suspenso no ar e fluctuar ao sabor das brisas, mas *navegar*, dirigir-se o individuo e caminhar sem o auxilio e até a despeito do vento. Ignora-se quantas tentativas se teem feito, ensaiado ou projectado com esse fim; quantos systemas singulares ou pueris se teem imaginado; quantas memorias e volumes se teem escripto e impresso. De tudo isto que tem resultado? Nada e muito. Para todos os homens competentes, que teem estudado o assumpto sem illusão nem preconceito, resultou a convicção de que, no estado actual da sciencia, a navegação aeria é uma chimera. Na maioria, os que teem diligenciado resolver o problema teem tido em vista a *direcção dos balões*, uma cousa physicamente, mechanicamente impossivel, como vamos demonstrar.

Os diversos systemas propostos podem reduzir-se a dois principaes. O primeiro, sem ter a pretenção de realmente dirigir os balões, quer aproveitar-se simplesmente das correntes estabelecidas nas diversas alturas da atmosphera, algumas das quaes teem uma direcção constante e duram mais ou menos tempo. Este systema, como se vê, não tem ambições; sujeita-se de bom grado ao despotismo dos ventos; resigna-se a esperar momento azado, a não ir para o oriente quando a brisa sopra do leste, nem para o sul quando sopra d'este lado. Isto não é uma solução, é uma confissão de impotencia. O segundo systema applica-se principalmente a determinar a forma que convem dar ao balão, a descobrir os apparelhos, os engenhos de que elle carece para se tornar um vehiculo mais commodo, mais rapido e mais seguro que a locomotiva e o barco a vapor. Porque, convençamo-nos, a aeronautica nunca passará de um exercicio de phantasia, de um esforço vão, em quanto não realizar um progresso sensivel sobre os nossos actuaes meios de transporte. Ora o balão, seja qual for a sua forma, não passa de *uma bolha de gaz suspensa no ar, tornada parte integrante d'este fluido, implicada em todas as suas fluctuações*, e por consequencia incapaz de adquirir um movimento independente.

De facto, dissemol-o ha pouco e não é de mais repetil-o, «para que um corpo possa mexer-se n'um certo meio, a primeira condição é apresentar um todo, uma *massa inteiriça* em que o movimento produzido se accumule de modo que dê sempre uma força capaz de vencer a resistencia d'esse meio. Assim são constituidas as aves, mais pesadas que o ar, como todos sabem, e a cujos pés a natureza não prendeu, para se equilibrarem no espaço, balõezinhos, que lhes tornariam impossivel o vôo. O exemplo dos peixes, por vezes invocado pelos theoricos da direcção dos aerostatos, não colhe. Em verdade, o seu peso especifico é quasi o mesmo que o da agua, onde se deslocam em todos os sentidos. Mas o peixe, como a ave, *move-se por si mesmo*; não é formado de duas partes distinctas, uma inerte, outra que sirva de motor; todo elle é um musculo vigorosissimo que, a bem dizer, só tem força e quasi nenhum volume. Alem d'isso, o peixe nada na agua e não no ar, o que é muito differente; porque se a agua, muito mais densa que o ar, oppõe mais resistencia aos movimentos do animal, em compensação não é elastica e offerece ás barbatanas e á cauda, que são verdadeiras alavancas, um ponto de apoio incomparavelmente mais firme que o fluido aerio. Não será, pois, de admirar a ingenuidade dos que imaginaram fender os ares com balões pisciformes, conicos, ovoides? Longe de auxiliar a locomoção aeria, o balão, dêem-lhe a forma que lhe derem, nunca deixará de ser um impedimento, uma especie de bala cuja inercia paralysará sempre o andamento do apparelho.» E de duas, uma: ou esse apparelho ha de ter força sufficiente para vencer a resistencia do ar, e então a mesma força lhe ha de servir para n'elle se conservar; ou não poderá suster-se só por si, e n'este caso a sua força motriz não conseguirá triumphar da resistencia atmospherica, que terá um poderoso auxiliar no balão.

«Por tanto, para se chegar a uma solução racional do problema, a primeira cousa que cumpre fazer é renunciar ao balão, visto como este dá ao apparelho um volume total fóra de toda a proporção com a força motriz que é possivel adaptar lhe.»

E por aqui ficariamos, sob pena de repetirmos o mais que, não ha ainda muito tempo, dissemos n'esta folha ácerca do assumpto, se não nos chegasse á mão um numero da *Illustração brasileira*, excellente periodico que se publica em Paris, onde vem a noticia de um invento recente, que não destoa do principio com muita razão sustentado pelos partidarios da aviação ou aeronautica, como Nadar, de la Landelle, Pline, Ponton d'Amécourt, etc., os quaes reconheceram a necessidade de abstrahir do balão e construir uma *ave artificial*.

Este invento tem o seu berço em Bridgeport, cidade do Connecticut (Estados Unidos da America do norte), e deve-se a Gustavo Whitehead.

Como o nosso compatriota Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Whitehead, tendo estudado «conscienciosamente o mechanismo do vôo das aves, acaba de construir uma machina de voar baseada na imitação, tão perfeita quanto possivel do movimento de azas dos morcegos.»

Para que o leitor possa fazer uma idéa d'este novo apparelho, digne-se passar os olhos pelas seguintes linhas, que, com a devida venia, transcrevemos do nosso distincto collega de Paris.

Compõem-se as azas «de um certo numero de varetas de madeira dispostas como as costellas de um esqueleto, mantidas horizontalmente por solidas maromas de aço, e recobertas de lona fortemente esticada a fim de poder resistir sem deformação á pressão do ar. Quando está em repouso, o apparelho é collocado sobre um estrado especial provido de quatro pequenas rodas, para facilitar a sua deslocação: duas directrizes e duas motrizes, funccionando sob a acção de uma machinazinha a vapor.

«O corpo propriamente dicto d'esta enorme passarola, compõe-se de uma barquinha feita com varas de bambu, recurvadas como o cavername de um navio, e forrada com um forte tecido de seda. Esta disposição ainda mais a assemelha a uma verdadeira ave, sobretudo a uma certa altura, vista da terra. Um leme com tres metros de comprimento, identico á cauda de um passaro, guarnece a parte posterior do apparelho, e pode ser dobrado ou desdobrado, abaixado ou levantado, pelo conductor, de dentro da barquinha. Um mastro e uma especie de gurupés mantem bem firmes, na posição necessaria, todas as partes do apparelho. Na barquinha ha uma machina a vapor, da força de 20 cavallos, com movimento duplo, agitando em sentido contrario as duas helices que regulam a velocidade e determinam a subida ou a descida. As azas são immoveis, abertas como as de uma ave que paira no espaço. O seu fim é apenas impedir a descida, como um grande páraquedas; essa particularidade distingue especialmente o invento de Gustavo Whitehead de todos que até agora teem apparecido. A unica força de propulsão parte da machina a vapor que, ao mesmo tempo que governa o apparelho para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, põe tambem a barquinha em movimento.»

Acharia Gustavo Whitehead a chave do problema?

O futuro o dirá.

Franz.

DIVISA REPUBLICANA

LIBERDADE — EGUALDADE — FRATERNIDADE

> Ao lado do homem que é apenas um accidente, existe a doutrina que é eterna.»
>
> P. Lanfrey — *Études et portraits politiques.*

Liberdade é a caracteristica da vontade, — vontade é a faculdade de querer, — e querer é determinar-se o eu a praticar ou a deixar de praticar um acto.

Em presença de dois caminhos a seguir podem apresentar-se militando por um d'elles motivos poderosissimos de superior vantagem; a resolução intima de escolha é porém independente quer seja ou não conforme ao valor dos raciocinios e ás indicações do bom senso.

Impéra sobre o homem a influencia de meio e a logica de argumentos, mas sempre lhe é possivel triumphar de causas physicas ou contrariar a san razão.

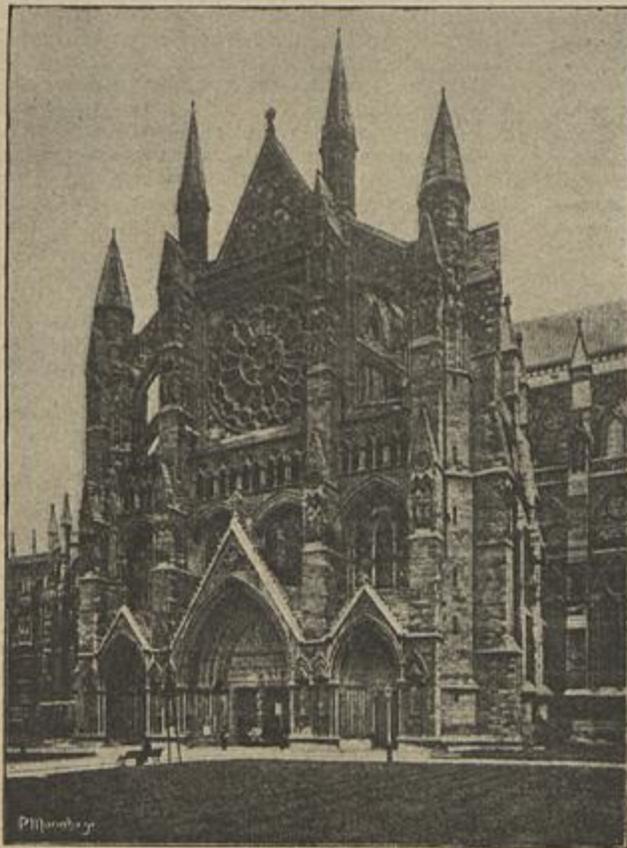
Fóra de dominios intrinsecamente restrictos á psychologia, na vida social propriamente dita é forçoso cohibir os attentados malevolos e as offensas ao direito.

Lacassagne diz muitissimo bem no seu *Resumo de Hygiene*, que «a liberdade de cada um acaba no ponto onde começa a molestar a dos outros.»

A aspiração á liberdade não só é legitima como tambem consequencia necessaria de certeza do facto animico revelado pela consciencia a cada individuo.

«Os homens não podendo dispensar-se uns aos outros, são levados, pela consideração de sua utilidade particular, a entreter communicações reciprocas, e a formar entre si laços de amisade. A terra, encarada sob este ponto de vista, é habitada por uma unica nação grande que se compõe das mais pequenas espalhadas aqui e ali á sua superficie, embora differentes de origem, de religião, de costumes, de necessidades, de côr, de linguagem e de mil outros accidentes tão variados como os climas que ellas habitam.»

Estas palavras que se lêem no discurso preliminar do *Direito Maritimo da Europa* por Azuni, definem perfeitamente um estado natural a que chegou a evolução sociologica e politica de nossa

Coroação do Rei Eduardo VII

A CATHEDRAL DE WESTMINSTER

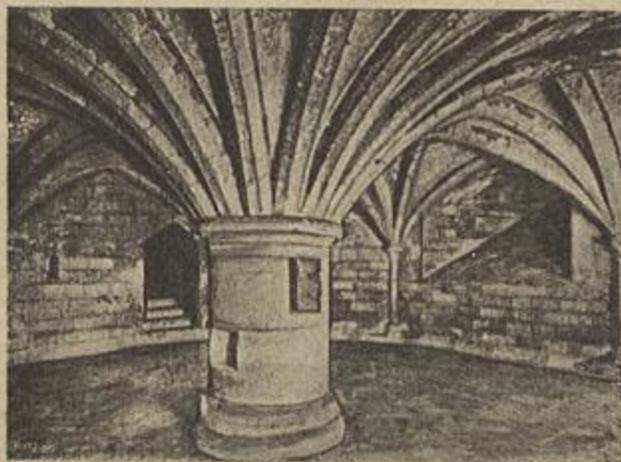
especie, soberanamente imbuida de seu alto destino moral pela missão levantada do divino doutrinador da Judéa.

Quanto melhor fôrem comprehendidos e interpretados os principios genuinamente christãos de Egualdade e de Fraternidade tanto menos barreiras permanecerão de pé estorvando o effeito feracissimo da Liberdade.

Se a creatura intelligente devesse pisar constantemente o mesmo trilho nenhuma craveira serviria de medida para aferimento de actos voluntarios, os quaes nem mesmo se poderiam conceber.

Se a liberdade fosse um simples mytho ou uma pura hypothese gratuita tão pouco a justa reacção dos opprimidos de todas as epocas forneceria á Historia paginas como aquella que relata o feito de Espartaco, e nunca o convencimento intimo de nossa origem commum animaria Lincoln a expungir com uma pennada da classe dos escravos quatro milhões de negros americanos.

A liberdade existiu *ab aeterno* na mente infinita do Creador, e o ser racional tende irresistivelmente para sua pósse plena, do mesmo modo que os animaes inferiores encerrados em gaiola buscam e aproveitam instinctivamente o mais ligeiro ensejo de se furtar a prisão.

Leis fataes regem naturalmente a materia cosmica e as condições de vitalidade organica, e principios de caracter moral e de applicação universal aquilatam os phenomenos volitivos e coarctam os impulsos de violencia.

Aquellas, escapando portanto a todo o esforço insensato do homem para modifical-as, são o que são e manteem-se inalteraveis: os segundos, especialmente na parte relativa á vida social, inscrevem-se nos codigos, calam no animo das pessoas e modéram lentamente a força bruta.

Os governos dos povos devem fundar os systemas politicos subordinando sua linha de conducta ao interesse da verdade e regulando a expansão de faculdades individuaes por fórma a garantir a todas as classes o seu livre exercicio.

Cumpre-lhes impedir que a liberdade se transforme em licença, dando exemplo salutar de obediencia ao dever e de respeito aos direitos publicos.

Semelhantes normas de proceder demonstram orientação sisuda e dão testemunho de intenções rectas.

E para que as multidões fiquem habilitadas por seu turno a satisfazer deveres civicos e a acatar o direito importa que a instrucção seja derramada amplamente e que de envolta com o conhecimento do alphabeto e do traçado rudimentar da escripta se ministrem lições de dignidade e se incutam noções de philantropia.

O papel de dirigentes dos Estados não se coaduna com um regimen de excepções e com a sancção escandalosa de particularidades.

Aquillo que sobretudo é indispensavel á existencia normal das sociedades e á lei de progresso que as explica é a diffusão generica do ensino elementar concertado em união prolifica com a justiça imparcial e com o incremento maximo de civilisação liberrima.

Suppôr a familia humana um rebanho de alimárias é necedade tão grande como imaginar a necromancia espelho sério de realidade objectiva.

A liberdade não foi sonho seductor e enganoso das gerações primitivas, nem é visão chimérica de vaidade, representa um nobre galardão, apanagio exclusivo da raça humana que urge manter intemerato a todo o transe e de que é licito aos depositarios do poder embargar e reprimir a effervescencia nociva.

Sem as mais recommendadas cautélas de prudencia e sem os maiores cuidados de administração politica e civil é facil ultrapassar a orbita das attribuições proprias, confundir os termos concernentes a questões de gravidade, offender melindres e atiçar ebullições revolucionarias.

O naufragio de instituições não está no uso da liberdade, dimana da incoherencia dos governos, da má disposição dos serviços, do abuso dos subalternos e principalmente da ignorancia em que propositada e levianamente se deixam vegetar as massas populares, sujeitas em taes circumstancias lastimaveis a ser ludibriadas por agitadores ambiciosos e a fornecer agentes a machinações de crime.

Egualdade é uma palavra que cada individuo interpreta a seu sabor. Os demagógos corypheus de todas as epocas souberam e sabem embriagar com ella as incautas massas sempre faceis de embair e sempre sedentas de novidade.

Egualdade absoluta dos homens é porém um sonho de quem delira e uma phantasia de dementado.

Ha só dois momentos de nivelamento dos seres por bitóla identica; o nascer e o morrer.

Todavia, taes phenomenos complexos em sua relativa simplicidade não dependem da vontade humana e nem até caem sob a acção perscrutadora dos sentidos ou da intelligencia.

Sociologicamente falando é tão impossivel egualar moral e materialmente os diversos grupos de homens como seria utopia manifesta pretender egualar-lhes o organismo.

Assim como as sciencias physico-chimicas avançam constantemente no caminho das descobertas, assim tambem as theorias politicas e os systemas sociaes progridem sem cessar de conquista em conquista e de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento.

A força bruta que em passado remoto regulava os destinos dos povos, a escravidão legalisada pelos costumes e pelo habito, os devedores presos por causa de suas dividas, mil outros attentados de lesa-humanidade que apenas exprimiam requinte barbaro de flagicios crueis têem sido substituidos pouco a pouco por um regimen conformado melhor com as tendencias e caracter dos individuos e dos povos.

A razão subjugou até certo ponto os impulsos de materialidade e o espirito grosseiro de sensualismo infrene.

A palavra de philosophos illustres poude insinuar-se no amago de consciencias escrupulosas e reflectir-se em legislações e codificações novas.

O que porém nunca lograram as multidões antigas foi que alguem ousasse proclamar durante os jogos e nas grandes solemnidades nacionaes a egualdade legitima de direitos e de deveres reciprocos que existe entre os membros da familia humana.

Os genios mais puros que assomavam nos horisontes da especie racional todos concordavam em que escravo não era homem perfeitamente egual a seu senhor e nenhum hesitava sequer em conceder aos senhores poder discrecionario e incontestavel relativamente aos escravos.

Foi só o Christianismo que veiu ensinar a verdadeira logica da Egualdade, que não é outra a lei moral e o sentimento do amor.

A CATHEDRAL DE WESTMINSTER, NAVE CENTRAL

Aquelles que vão orar nos comicios annunciando ás turbas o reinado venturoso de nivelamento absoluto de condições sociaes, que lhes pintam os capitalistas e os proprietarios como outros tantos espoliadores asquerosos e outros tantos especuladores sordidos das classes necessitadas, estão convencidos intimamente de que é mentida sua linguagem e refalsada sua hypocrisia.

E' certo que os elementos cosmicos constituem propriedade commum de todos os homens, mas não pode ter logar o mesmo principio de communidade em nossas relações sociaes, evidentes como são as differenças de indole e as variantes immensas de aptidão.

O laboratorio incomprehensivel da Natureza não offerece paridade com a acção timida e incerta do homem, creatura especiosa voluvel em cada hora de sua curta existencia.

Veja cada qual se lhe é possivel descobrir egualdade nos proprios dedos das mãos e em seguida tente conciliar o famoso ideal de egualdade social com o merito e o desmerito, com a virtude e o crime, com a actividade energica e a negação completa para o trabalho!

A CATHEDRAL DE WESTMINSTER, SUBTERRANEO

Sociedade Nacional de Bellas Artes

COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO
Presidente da Direcção

VISCONDE DE ATHOUGUIA
Presidente da Assembléa Geral

JORGE COLLAÇO
Vogal da Direcção

LUCIANO LALLEMANT
Vogal da Direcção

JOÃO RIBEIRO CHRISTINO DA SILVA
Thesoureiro

CARLOS REIS
Vogal da Direcção

JOSÉ ALEXANDRE SOARES
Primeiro Secretario

BEMVINDO ANTONIO CEIA
Segundo Secretario

Seria justo equiparar em fortuna e em posição, pessoas dotadas de qualidades antagónicas exhibindo contrastes repellentes?

Se a verdade não prevalecesse acima de chimeras seductoras de gentes sem reflexão, jámais a humanidade se teria despojado de fórmas materiaes e dirigido olhares anciosos para os pontos que a aurora tinge em seus arreboes e onde o sol se levanta em sua soberania fulgurante.

Para que os povos consigam o gôso de todas as vantagens civis e politicas, predominando egualdade individual compativel com o bem collectivo e com os preceitos indeclinaveis da Justiça importa sobretudo a intervenção directa e opportuna dos governos, aos quaes o bom senso deve inspirar como alavanca principal de educação civica o mais largo desenvolvimento de instrucção e a mais rigorosa equidade na distribuição das riquezas publicas e na partilha de encargos.

Contra as maximas subversivas de artificiosos egualitários não ha meio mais salutar que o respeito á lei partindo das altas espheras do poder.

N'este mundo que habitamos é sómente diante da lei que realmente somos eguaes e devemos sêl-o.

Esta é a unica theoria de valor moral intrinseco e de interesse universal: tudo o que não fôr pautado em seus moldes perfeitos alem de erro gravissimo é ainda incitar para o seio da desordem e abysmar na anarchia.

Fraternidade é ideal de disciplina e égide de amor!

Um unico povo na antiguidade praticou regras humanitarias mais conformes ás leis da razão e ás praxes da justiça, o povo hebreu.

Comtudo, Israel estremava-se escrupulosamente de quantos não se incluiam no numero de seus concidadãos politicos e religiosos.

A circumcisão, operação de grande merecimento n'aquellas regiões do oriente abria entre os judeus e estranhas gentes barreira enorme.

O *Decalogo* encerrava principios de largo alcance moral os quaes se tivessem tido cumprimento fiel, certamente haveriam approximado os homens por maneira mais efficaz.

Eram porém muitissimos os prejuizos de relação e mingoado era o tempo para obras de pacificação.

Ardia lucta constante de povo para povo e de individuo para individuo.

As religiões e os cultos constituiam monopolio de poucos a quem conferiam regalias celebres e proveitosas; mas supprimido o predominio despotico do mais forte nada existia que refreasse o sensualismo grosseiro e o espirito de rapina dos conquistadores.

O mundo antes do advento do Christianismo, póde affirmar-se sem receio de contradicta, foi joguête exclusivo da força e theatro espaçoso de scenas de cannibaes.

Que importava que os philosophos gregos pretendessem amenisar os habitos rudes e os actos de brutalidade summa, se elles eram os primeiros a sustentar que escravos pertenciam a classe de coisas uteis?!

As batalhas importantes ganhas, o delirio de triumphos alcançados com estrondo simplesmente significavam a transferencia eventual do poder e mais uma carnagem atroz por motivos quasi sempre muito alheios ao legitimo bem dos combatentes.

As guerras de razzia repetiram-se frequentissimas e só algumas campanhas derivaram de pretextos plausiveis, tendo justificação plenária.

O destino fatal de todos os prisioneiros era o ergastulo da servidão e muitissimas vezes aconteceu serem cortadas as cabeças dos vencidos nos proprios campos de batalha.

Longe portanto estava da mente de cada homem a idéa luminosa de fraternidade e afastado de cada coração o sentimento de amor sincero.

Para que a sociedade humana attingisse o grau de verdadeira dignidade, entrando na senda aberta do progresso moral era mister uma revolução completa que transformasse ao calor de principios fundamentalmente originaes e tonificantes a indole boçal de systemas vilipendiosos e a feição material revelada em tudo.

E um phenomeno psychico de tal magnitude nem sahe espontaneo dos seios da terra nem póde cair de altas camadas atmosphericas no amago da consciencia do homem; é puro labor de espirito e applicação sensivel de meio social.

Foi assim que Jesus procedeu em iniciação de sua divinal doutrina em que se não preconisam exclusões de povos nem se admittem restricções de raça, e onde se proclama nitidamente o caracter de membro da mesma familia impresso em cada individuo de nossa especie só pelo facto de nascer.

Sômos todos irmãos: devemo-nos auxilio mutuo de berço e amparo protector de affectuosa generosidade.

«Ide, e ensinae todas as gentes.»

«Amae-vos uns aos outros.»

N'estes dois preceitos está de facto condensada toda a doutrina evangelica e contida a summula inexgotavel de ensinamentos salubérrimos na ordem de instituições politicas e a palavra derradeira e o conceito inexcedivel de boa sciencia philosophica.

São elles como que uma fonte de agua viva de que manou em sua significação genuina o estimulante adequado a impellir-nos para laços fraternaes.

O ideal de paz já hoje se não afigura utopia absurda e á desconfiança em que permaneciam as gerações de eras passadas substituiu-se a lei que nos irmana e nos inspira dedicações nobilissimas.

A analyse mais rigorosa da expressão Fraternidade não parece comportar outro sentido mais logico.

É que as bellezas do pensamento e a fórma primorosa de manifestal-as não alteram a essencia das coisas nem mesmo são necessarias para fazel as comprehender e tornal-as conhecidas.

O melhor processo facultado aos governos para evitar doblêz de idéas e mau uso de certas palavras consiste em promover e generalisar a instrucção popular de modo conducente a inutilisar a acção perniciosa de demagógos exaltados e de cynicos virulentos.

Deixar jazer na ignorancia e procurar em medidas repressivas uma garantia de segurança e um instrumento de ordem publica é methodo mais de geito para produzir effeitos contrarios e suscitar reacções perigosas.

Mais valem sempre escolas cheias de alumnos bem unidinhos pelo amor fraternal que a pena de codigos criminaes e o aspecto ameaçador de cadeias.

É impropriamente que se chama divisa republicana o lêma arrebatador composto de estas tres crystallisações de Ideal philosophico e de Religião immaculavel: Liberdade, Egualdade, Fraternidade!

Cingil-as a alguma formula fixa no quadro da vida e no theatro da Historia é raciocinar mal e obrar péssimamente.

No dia em que o mundo lhe olvidasse a virtude ingénita e impessoal e ensandecesse de protervia, avolumaria sobre a terra crocidismo e sugillação de ultimos momentos precedendo angustias de morte pavorosa e mascarando retaliações de miseria estupenda!

D. Francisco de Noronha.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

1900

Janeiro. Continuação do máu tempo até 5. De 6 a 28, tempo seguro, mas pouco frio cem pressões elevadas, e chuvas sensiveis, a partir de 28, (em 30 33^{mm},3).

Fevereiro. Temporaes successivos, de 1 a 28, conservando-se a temperatura normal, (em 3 17^{mm},5, em 6 12^{mm},4, com trovoado, em 11 14^{mm},4, em 12 12^{mm},6, em 20 20^{mm},6 e em 24 14^{mm},8, com trovoada).

Março. Algumas chuvas de 16 a 28, com pouca intensidade; a temperatura não se elevou acima do normal (max. 19°).

Abril. Periodo chuvoso de 1 a 9, com temperaturas baixas, muito calor de 13 a 18, com temperaturas anormaes. (Em 13 max. 26°,5, em 14 27°,7, em 15 25°,6, em 16 28°,4, em 17 30°4 e em 18 28°,0); a temperatura observada em 17 attingiu um nivel superior a todas as outras observadas em egual mez. Trovoadas consecutivas de 24 a 29, que produziram em 25 47^{mm},3, em 26 21^{mm},7, e em 28 10^{mm},8.

Maio. Muita chuva e trovoada até 23 e temperatura baixa; a ultima semana foi muito quente (max. em 27 28°,0, em 28 28°,4, em 29 30°,3, em 30 29°,5, e em 31 29°,6).

Junho. Dois dias de chuva (4^{mm},9); muito pouco calor em todo o mez (max. 29°,6).

Julho. Algum calor de 6 a 9, em 17 e 31, temperatura moderada no resto do mez; pequena trovoada em 17 (0^{mm},2 de chuva).

Agosto. O mais fresco agosto de todos aquelles que analyzamos, um unico dia de maxima superior a 30°, em 10 (30°,9). Forte temporal em 25 (39^{mm},6, a maior queda de agua, registada em agosto).

Setembro. Muito secco e temperatura regular; um unico dia de grande calor, em 3 (max. 32°,4).

Outubro. Quatorze dias de chuva que apenas produziram 20^{mm},0. Calor pouco sensivel. Grande baixa thermometrica a partir de 22; n'este dia a maxima que era de 19°, desceu em 23 a 13°,9, accusou 14°,1 em 24, subindo de novo, bruscamente, a 19°,3 em 24 e 20°,6 em 25, a minima 6°,3 em 25, é a mais baixa temperatura observada n'este mez; ás 9 horas da manhã o thermometro apenas accusava 8°,

Novembro. Alguma chuva na primeira quinzena, e fortes temporaes de 23 a 30; temperatura normal.

Dezembro. Pouco frio, chuvas notaveis a partir de 17 (em 18 24^{mm},2, em 21 12^{mm},1 e em 22 10^{mm},4).

1901

Janeiro. Chuvas de 5 a 10, 14 a 16, e em 19 (35^{mm},9). Alguns dias de frio, sobretudo de 1 a 7, e em 31 em que a maxima não excedeu 7°,6, tendo sido a minima 2°,7.

Fevereiro. O mez de fevereiro mais frio de todos os que analysamos; copiosas chuvas todo o mez que produziram 103^{mm},5. A maxima thermometrica foi de 15°,3, uma das mais baixas. Os dias em que o thermometro não subiu acima de 10°, foram: em 16, max, 7°,7, em 18 8°,4, em 19 9°,7, e em 22 7°,9.

Março. Muito chovoso, (em 2 12^{mm},7, em 13 12^{mm},9, em 15 25,8 com grande trovoada, em 16 11^{mm},9, em 17 13^{mm},7, em 20 16^{mm},0). Temperatura normal.

Abril. Em geral, quente; a primeira semana foi torrida. Em 4, a maxima foi de 24°,7, em 5 27°,6, em 6 25°,5, tempo abafadiço de 14 a 18, com minimas elevadas. Min.: em 16 12°,4, em 17 15°,7, em 18 16°,9, em 19 14,2, em 20 13°, em 21 12°,9 e em 22°,5.

Maio. Pouca chuva, calor moderado, com maxima baixa (26°,4).

Junho. Temperatura normal e muito pouca chuva (5 dias que apenas produziram 1^{mm},4), max. temperatura 31°,2.

Julho. Frio de 1 a 3, calor em 5 e 6, fresco de 7 a 15, e torrido durante quasi toda a segunda quinzena.

Agosto. Muito quente até 7, fresco, em geral, o resto do mez.

Setembro. O mez mais chuvoso de setembro, se exceptuarmos o anno de 1895, em 5, a chuva foi de 39^{mm},0, o Barometro accusou em 22, um minimo de 751^{mm},6, a pressão mais baixa conhecida n'este mez. A temperatura de setembro foi egualmente excepcional, com um maximo de 26°,5, a menor, observada n'este mez.

Outubro. Normal com relação á temperatura é ás chuvas. A maior chuva foi, em 15 de 18^{mm},9.

Novembro. Pouco chuvoso e frigidissimo na ultima semana, com um minimo de 2°,3. Em 25, o thermometro não subiu acima de 9°,3.

Dezembro. Chuvoso desde 13 até 30. As mais fortes chuvas foram: em 16 16^{mm},2, em 21 27^{mm},0, com trovões, em 24 12^{mm},5 e em 27 34^{mm},0, banstante frio de 14 a 20. Maximas fracas em 15 e 16, 9°,5, em 17 8°,5, em 18 8°,0 e em 20 9°,0.

FIM

Antonio A. O. Machado.

UMA NOITE NA FLORESTA

Ao pôr do sol, sahiu Brown de casa; mas antes de transpôr o humbral, voltou-se para trocar um beijo de despedida com a sua encantadora mulher; e Fides (assim ella se chamava, nome que bem merecia) deitou a cabeça fora da porta, e o vento pôs-se a brincar com as fitas côr de rosa da sua coifa, em quanto chamava o marido.

«Meu amor, murmurou ella docemente e quasi com tristeza quando o moço lhe chegou a face aos labios, meu querido amor, peço-t'o, deixa a viagem para a madrugada e passa esta noite em casa. A uma mulher que esteja só, perturbam-lhe a imaginação pensamentos, sonhos taes, que ás vezes tem medo até de si mesma! Peço-t'o, meu filho, fica em casa esta noite, esta noite de preferencia a todas do anno!

«Minha querida Fides, replicou Brown, de todas as noites do anno é exactamente esta a que sou obrigado a passar longe de ti. O que tu chamas viagem, deve fazer-se, com ida e volta, entre o occaso e o nascimento do sol. Pois que! ha só tres mezes que somos casados, e já a minha adoravel mulherzinha começaria a duvidar de mim?

«N'esse caso, que Deus te abençoe! disse Fides, a das fitas côr de rosa, e oxalá no teu regresso encontres tudo como é devido.

«Assim seja! exclamou Brown. Reza as tuas orações, querida Fides, e deita-te ao anoitecer; d'essa maneira nenhum mal te succederá.

Tornaram a beijar-se, e o moço pôs-se a caminho. Ao voltar a esquina do templo, olhou para trás, e avistou ainda a cabeça de Fides que o seguia com a vista. Apesar das suas fitas côr de rosa tinha o ar melancholico.

«Pobre Fides! pensou elle, porque o seu coração estava commovido. E' preciso que eu seja um miseravel para abandonal-a por semelhante cousa! Ella tambem fala de sonhos. Pareceu-me que estava inquieta quando me falava, como se um sonho lhe houvera revelado a obra d'esta noite. Mas não, não, esse pensamento matal-a-hia... Ah! E' um anjo de Deus na terra; passada esta noite, não tornarei a separar-me d'ella, e seguil-a-hei até o céo.

Havendo tomado esta excellente resolução para o futuro, julgou-se Brown auctorizado para executar o mau designio que proseguia n'aquelle momento. Tomara por uma vereda triste e lugubre, sombreada pelas arvores mais negras da floresta, arvores que parecia separarem-se deante d'elle unicamente o bastante para deixal-o passar, tornando-se a unir logo em seguida. O caminho era deserto, e n'aquella solidão havia de singular que o viajante não podia ver o que estava por detras dos troncos das arvores nem na espessura da fo-

lhagem, de sorte que achando-se só podia muito bem succeder que atravessasse pelo meio de uma multidão invisivel.

«Talvez atrás de cada arvore d'estas haja um diabo de um indio, disse Brown comsigo; depois, olhando para a retaguarda com ar inquieto, ajuntou: e não me causaria extranheza que o proprio diabo me seguisse.

Sempre com a cabeça voltada, chegou a um angulo do caminho, e olhando então para a frente, viu sentado ao pé de uma arvore um homem vestido decentemente que, á sua approximação, se levantou e se pôs a andar ao lado d'elle.

«Vens tarde, Brown, disse o homem. Quando passei por Boston deu a hora no relogio de *old south*, e desde então já decorreram quinze minutos.

«Fides demorou-me um pouco, obtemperou Brown; e a voz tremia-lhe, porque o assustara a apparição repentina, ainda que não inesperada, do companheiro.

A floresta já estava escura, especialmente a parte que os dois individuos iam atravessando. Até onde era possivel julgar, o segundo viageiro parecia ter uns cincoenta annos, ser da mesma classe e condição de Brown e muito parecido com elle, mais talvez pela expressão que pelas linhas da physionomia.

Como quer que seja, poderiam passar por pae e filho. Se bem que o mais velho vestisse singellamente, e as suas maneiras fossem tão naturaes como as do moço, tinha um certo não sei que de homem do mundo, que se não atrapalharia se, exigindo-o os seus negocios, se visse sentado á mesa do governador ou na côrte de Allemanha. A unica cousa notavel que levava, era o bordão. Parecia uma grande serpente negra, e era de um trabalho tão exquisito, que dir-se-hia estar a retorcer-se e enroscar-se como se fora uma serpente viva. Mas a claridade duvidosa que reinava n'aquellas paragens devia, sem duvida, contribuir muito para uma tal illusão optica.

«Vamos, vamos, Brown, exclamou o seu companheiro; esse passo é muito frouxo para começo de viagem. Se estás cansado, pega no meu bordão.

«Amigo, replicou o moço, parando; cumpri o que ajustámos, vindo á entrevista; e a minha intenção é voltar agora para casa. Tenho escrupulos ácerca do que sabes.

Deveras? observou, sorrindo, o homem da serpente. Andemos, pois, e discutamos; se não lograr convencer te, poderás tornar por onde vieste. Pouco internados estamos na selva.

«De mais o estamos nós! exclamou Brown, pondo-se a caminho machinalmente. Nunca meu pae, nem o teu, entrou na floresta com semelhante fim. A nossa familia foi sempre uma familia de gente honrada e de bons christãos desde o tempo dos martyres. Serei eu o primeiro Brown que pise esta senda, e ande...

«Com tal companhia! não é o que ias dizer? interrompeu o velho. Muito bem, Brown! Conheci a vossa familia puritana, e já não é pouco. Estava presente quando vosso avô, o Condestavel, açoutou rijamente a quaker pelas ruas de Salem, e dei a vosso pae um tronco de pinheiro resinoso accendido no meu proprio fornilho, para queimar uma aldeia india no tempo da guerra do rei Filippe. Ambos foram meus amigos, e muitas vezes seguimos juntos por este caminho, que tornávamos a atravessar alegremente depois da meia noite. Esta é a razão porque desejo a vossa amizade.

«Sendo assim, extranho que nunca proferissem uma palavra... ou por melhor dizer, não extranho, visto como pela menor suspeita seriam banidos da Nova Inglaterra. Somos um povo que ora e tambem pratica boas obras; mas não nos entregamos a taes perversidades.

«Perversidade ou não, disse o homem do bordão retorcido, tenho muitas relações na Nova Inglaterra. Os diaconos das egrejas teem bebido commigo o vinho da communhão; os eleitos de diversas cidades nomearam-me seu presidente; na camara e no conselho, a maioria advoga com firmeza os meus interesses... O mesmo governo... mas estes são segredos de estado.

«E' possivel? exclamou Brown, olhando com terror o seu impassivel camarada. Mas que me importam o governador e o conselho? Elles procedem como melhor lhes parece, e não são modelos que deva seguir um simples trabalhador como eu. Se porém fosse comtigo, como poderia resistir ao olhar do velho ministro de Salem?... Oh! aos domingos e nos dias de pratica a sua voz far-me-hia tremer!

Até então estivera o velho a escutar com toda a gravidade; mas a este ultimo argumento não pôde conter-se, e desatou a rir tão estrepitosamente, que o bordão se retorcia do mesmo modo que elle, como por um movimento sympathico.

«Ah! ah! ah! ah! ah! ah! gargalhou muitas vezes, mas acalmando: continua, Brown, lhe disse, só te peço que me não faças morrer de riso.

«Bem! para acabar de vez, tornou o moço um pouco irritado, ainda resta minha mulher Fides; isso despedaçar-lhe-hia o coração, e eu preferiria despedaçar o meu.

«N'esse caso, amigo Brown, farás o que entenderes. Por vinte velhas, semelhantes áquella que vai alli a coxear adeante de nós, não quereria causar o menor desgosto a Fides.

Ao mesmo tempo indicava com o bordão uma mulher, que Brown tinha por muito piedosa e exemplar, que lhe ensinara o cathecismo na infancia e era ainda o seu conselheiro espiritual juntamente com o ministro e o diacono Gookin.

«Surprehende-me, disse Brown, que a tia Cloyse se ache em tal sitio a estas horas. Mas se m'o permitte, faço um rodeio para deixar atrás aquella boa christã; como o não conhece, poderia perguntar-me amanhã com quem jornadeava e aonde ia.

«Como queiras; eu sigo a vereda.

«O rapaz entrou na espessura, tendo cuidado de não perder de vista o companheiro, que continuava silencioso o caminho, até que chegou a alguns passos da mulher. Esta trotava o melhor que podia, e com uma rapidez singular attenta a sua idade, e ao passo que andava, ia murmurando palavras indistinctas; talvez uma oração. O viageiro levantou a sua vara, e com o que parecia a cauda da serpente tocou o pescoço enrugado da velha.

«O diabo! gritou a piedosa creatura.

«A tia Cloyse reconhece pois o seu velho amigo? perguntou o sujeito, encarando a e apoiando-se no seu retorcido bordão.

«É o senhor mesmo?... Oh! sim, certamente, sob a figura do meu compadre Brown, avô do actual bemaventurado... Sabe que desappareceu o pau da minha vassoura? e de uma maneira bem singular! Suspeito que foi obra d'aquella bruxa da tia Cory, e justamente quando eu estava untada com succo de perrexil, cinco-em-rama e aconito.

«Mixturado com farinha extreme, e uma pouca de gordura de creança recemnascida, disse o phantasma do velho Brown.

«A' fé que conhece bem a receita, exclamou a velha, reprimindo o riso. Pois, como dizia, estando preparada para a reunião, e não tendo cavallo que montar, resolvi vir a pé, porque me disseram que esta noite se celebra a recepção de um moço seductor. Agora sirva-se dar-me o braço, e chegaremos mais depressa.

«O braço não lh'o posso dar, minha amiga; o que muito sinto; mas aqui tem o meu bordão se o quer.

E ao dizer isto, atirou o aos pés da velha, ou o bordão talvez se animou, porque era uma das varas que o seu mestre prestara em outros tempos aos magos egypcios. Brown, porém, não pôde ser testemunha d'isto. A surpresa fizera-o levantar os olhos ao céo, e quando os abaixou já não viu a tia Cloyse nem o bordão-serpente; só o seu companheiro de jornada o aguardava com um ar tão tranquillo como se nada houvera succedido.

«Essa mulher ensinou-me o cathecismo! observou o rapaz; e esta phrase era um livro completo, cheio de commentarios.

Continuaram o caminho. O velho exhortava Brown a perseverar e a apressar o passo, falando com tal habilidade, que os seus argumentos parecia que lhe sahiam naturalmente do coração. Andando sempre, cortou uma vergontea de bordo, para lhe servir de esteio, e pôr-se a tirar-lhe os raminhos e as folhas humedecidas com o orvalho da noite. E, cousa singular! ao contacto dos dedos, as folhas seccavam como se houvessem estado oito dias expostas ao sol. A bom passo seguiam, quando de repente, n'um barranco sombrio que atravessava a vereda, Brown se sentou n'um tronco de arvore e se negou a ir mais adeante.

«Amigo, disse elle com resolução, pensei seriamente e não passarei d'aqui com o fim que sabe. Que me importa que uma velhusca prefira dar-se ao diabo, quando eu julgava que ia pelo caminho que conduz ao céo? É isso razão para que eu a siga e abandone a minha querida Fides?

«Has de mudar de opinião mais depressa que pensas, replicou o velho com toda a serenidade. Descansa um pouco, e quando estiveres disposto a continuar o caminho, pega no meu bordão e elle te ajudará.

E sem pronunciar uma palavra mais, deixou a Brown o seu bordão de acer, e desappareceu tão repentinamente como se se houvera fundido na crescente obscuridade. O rapaz conservou-se sentado algum tempo. Exultava por se ter separado do companheiro, e pensava na tranquillidade de consciencia com que veria o padre no seu passeio matutino, arrostando sereno os olhares do bom diacono Gookin. E com que pacifico e agradavel somno ia dormir nos braços de Fides aquella noite que estava para passar de um modo tão culpavel! No meio d'estas boas e louvaveis reflexões, sentiu Brown pisadas de cavallos e teve por conveniente occultar-se na floresta para evitar qualquer pergunta ácerca do projecto criminoso que o levara áquelles sitios, e ao qual havia renunciado com tanta satisfacção.

(Continua).

METEOROLOGIA

Julho-Agosto de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
31	763,2	27,8–17,3	Alg. Nuvens	SW	0,0
1	761,9	23,2–17,3	Nublado	W	0,0
2	763,9	24,8–17,5	Alg. Nuvens	N	0,0
3	763,3	27,0–14,8	»	»	0,0
4	762,5	25,3–14,8	P. Nublado	NNW	0,0
5	763,3	26,6–17,6	Alg. Nuvens	N	0,0
6	762,4	26,6–16,7	»	SSW	0,0
7	763,0	26,7–18,9	Nublado	N	0,0
8	763,0	25,3–16,8	Alg. Nuvens	»	0,0
9	763,3	29,4–17,0	Limpo	»	0,0
10	763,8	27,2–16,5	»	NW	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

A primeira dezena de Agosto foi de temperatura normal, de calores pouco excessivos e vento predominante do quadrante do N, com ausencia de chuvas completa em quasi todo o reino. Apenas, em Coimbra, no dia 6, registaram-se 0mm,3.

As maximas mais elevadas foram notadas sobretudo no Alemtejo em 31 de Julho: Campo Maior 40°, Evora 37°, Regoa 35°,5, Lagos 35° e na Serra da Estrella 30°. Em 1 de Agosto, ainda se registaram temperaturas excessivas, em alguns pontos do reino: Campo Maior 37°, Lagos 36°, Evora 33°, Regoa 30°,5.

Recebemos e agradecemos:

Malaventurança — *Versos por José de Faria Machado — Com um prefacio do notavel poeta Eça Leal — Lisboa — Anno de MDCCCCII — Typographia Minerva — Editora — Famalicão.*

Nitidamente impresso em magnifico papel de linho o livro de versos *Malaventurança* faz honra á imprensa dos srs. Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, de Famalicão, de cujos prélos saiu, apresentando bom aspecto material, e destacando-se do formato de agenda commercial ou de rol de mercearia, tão a miude escolhido para os seus livros pelos poetas contemporaneos. A' boa impressão do livro ajunta se o valôr das composições, das quaes a poesia que destacamos dá justa idéa.

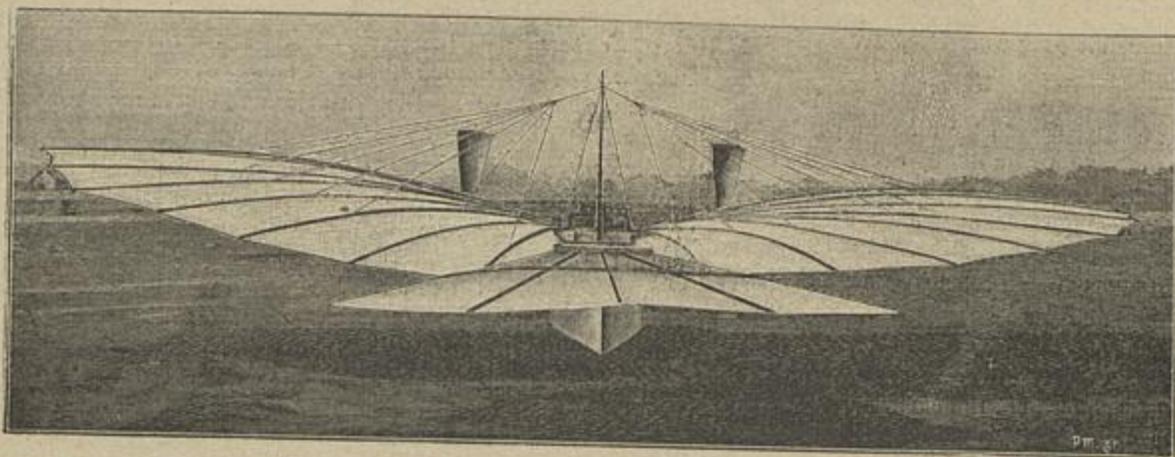
No *prefacio* o sr. Eça Leal, apresentando o poeta, dá-nos, em synthese, a sua opinião ácerca do *Malaventurança*:

«Originalidade, alma, sentimento, encontram-se em cada pagina d'este livro, e eu não sei de poetas que, nos primeiros versos, tantas provas dêssem d'um talento tão brilhante no desabrochar. N'isto hão de convir todos os que tenham o verdadeiro culto da esthetica.

. . . .

Crescendo sempre — me definhava.
Se mais crescia, mais eu chorava,
E minha mãe mais me sorria.
Disse-lhe então a soluçar:
Se ris agora, has de chorar.
Que as máguas vêm com alegria

Um dia, ha tanto, — tinha eu dez annos —
Lembro me bem que os desenganos
Tinham me posto velho e cansado;

Os balões e a Aeronautica

NOVA MACHINA DE VOAR DE G. WHITEHEAD, COM LEME E MOTOR EM ACÇÃO

A dor que tinha desde o nascer
Já me ensinava a comprehender
O quanto eu era desgraçado!

Minha saudade, minha tortura,
No chôro encontro prazer, ventura,
E chôro apenas porque elle existe.
Tenho vivido dos ideaes,
Sempre a chorar, que eu não sou mais
Que um pobre moço tão novo e triste.

Triste por sangue — Tristeza querida!
Triste d'amor, triste da vida,
Triste por ser de Portugal!
Triste por ter tristes amores,
— Neto d'heroes navegadores, —
Triste por elles, triste pelo mal.

Choram os ventos, choram as moças,
Choram as aguas nas frias poças,
Chora o Luar, triste, sem brilho,
E eu peço a Deus que me allumia,
Que chore sempre *maila* Maria,
E que do chôro nasça o meu filho.

Arvore de Natal. — *Historias para creanças por Zuzarte de Mendonça. — Livraria Central de Gomes de Carvalho; Lisboa, 1902.*

Abre o presente livro com uma carta do rev. Padre Senna Freitas ao auctor e seguem-se os contos com os seguintes titulos: *As brôas. — Boa licção. — Mariquinhas. — Vocações. — Uma aposta. — A vingança. — Cuspir para o ar. — O remorso. — As nossas dividas. — O santo.*

Na carta alludida escreveu o rev. Senna Freitas os seguintes periodos, que muito nos apraz reproduzir, porque nelles se faz a mais justa apreciação do escripto de Zuzarte de Mendonça:

«O seu livro virá supprir com indiscutivel vantagem tantas collecções de historias frivolas, romanescas como as do antigo Bertoldinho, e anodynas para a moral, que por ahi se estão editando, destinadas ás escolas infantis.

«O seu pequeno lavor pedagogico tem a recommendal-o, quanto ao fundo, a nobresa da intenção que parece tel-o inspirado, e o domina da primeira á ultima pagina, a excellencia da moral, que lhe é seiva, não só fundada em uma consciencia recta, mas até nas sublimes maximas do livro evangelico, e no puro espirito de Jesus; quanto á fórma, na crystalina singeleza da linguagem, a unica idonea em obras que, como a sua, visam á iniciação educativa da infancia».

A Zuzarte de Mendonça endereçamos a expressão do nosso agradecimento pela offerta do seu encantador livrinho.

Authéa — *Peça em tres actos e dois quadros, extrahida por Samuel Martins do romance «Suivons-le!» do fecundo auctor do «Quo Vadis!» — Henrik-Sienkiewicz. — Recife, 1901.*

Sigamol-o! é o thema e a trama do *Quo vadis?*, mas mais concentrado na fórma e, talvez, mais largo na idéa. E. Halperine-Kaminsky, criticando este romance de Sienkiewicz, escreveu: «Em imagens breves passam deante de nós homens e coisas de Roma, de Alexandria e de Jerusalem, tres centros da civilisação antiga, emquanto que a nossa meditação sóbe lentamente os tres degráos da evolução religiosa: o culto, ora amavel e fino, ora cruel e brutal, do paganismo; a lei austera do mosaismo; a doutrina de amôr e de perdão do christianismo. Ao mesmo tempo, achamo-nos deante do eterno problema da luta entre o phariseu conservador da tradicção e o idealista buscando a nobre chimera, verdade ámanhã, collisão tragica, em que o Nazareno foi offerenda sublime, e em que são e serão holocaustos expiatorios todos os generosos libertadores do espirito.»

Tendo o *Quo Vadis?* sido adequado á scena portugueza como o fôra ás outras scenas extrangeiras, coube ao *Suivons-le* sel-o á scena brazileira pelo sr. Samuel Mártins, que o fez com bom exito, como o prova o volume que temos presente.